

SEGUNDO ATO

1.º Quadro (Passeio Público)

Cena I

Avenidas: Caio Prado, Mororó e Carapinima (8)

(Cantam)

Aqui estão as lindas Avenidas
Deste Passeio sempre as preferidas;
Ajardinadas, tão garridas e vistosas,
Só freqüentadas pelas turbas donairosas.

CAIO PRADO

Da Caio Prado é o pessoal smart.

MORORÓ

E a Mororó é a mais popular.

CARAPINIMA

Carapinima, meus senhores, representa
A bela gente que a freqüenta.

AS TRÊS

Garbosas e assim floridas,
Nós somos as três Avenidas
Deste Passeio — centro predileto
Do que há de mais seletto. (Bis)

Viva a Caio Prado,
Viva a Carapinima,
E a Mororó que é do agrado
Do Zé Povinho que tanto a estima

Viva a Caio Prado,
Viva a Carapinima,
E a Mororó que é do agrado
Do Zé Povinho que tanto a anima.

(8) Trata-se de alamedas pertencentes ao Logradouro construído por volta de 1864, onde, em 1825, foram vítimas de fuzilamento o Padre MORORÓ (Gonçalo Inácio de Lolola Albuquerque e Melo Mororó) e Feliciano José da Silva CARAPINIMA, dentre outros heróis cearenses da Revolução do Equador. Posteriormente inaugurada (1888), a Caio Prado é homenagem a Antônio Caio da Silva Prado, presidente da Província do Ceará de 1888 a 1889.

Cena II

As mesmas, Elisiário, Puxavante e Peraldiana (que entram antes de terminar o canto)

PUXAVANTE — Qui madaminhas são essas, seu Liziaro? Tão galantina?

PERALDIANA — Parece umas branuleta.

ELISIÁRIO — São as Avenidas do Passeio: Caio Prado, Carapinima e Mororó.

PERALDIANA — Qui nome estrambótico, seu Liziaro.

PUXAVANTE — Madaminhas, muito fórgo im cunhecê ambas as três.

AVENIDAS — São caras novas. De onde surgiram?

ELISIÁRIO — Este é o coronel Luís Puxavante, chefe político e...

PUXAVANTE — Deix'istá, seu Liziaro qui nós se apresenta.

Cumade vamos disbuiá a nossa históra. (Canta)

Madamas, arrepresento

Dos Inhamuns o Pachá;

E ando, neste momento,

Visitando o Ceará.

Sou o mandão.

CORO —

É o mandão

É o mandão.

PUXAVANTE —

Lá do sertão

CORO

Lá do sertão

Lá do sertão.

PUXAVANTE —

E vejam lá como é chibante,

O Coronel Puxavante.

PERALDIANA —

E eu sou a Peraldiana,

Peraldiana Pimenta.

Na vida sou veterana,

Tenho cabelo na venta.

Sou tão jeitosa

CORO —

É tão jeitosa

É tão jeitosa

PERALDIANA —

Assim, dengosa

CORO —

Assim, dengosa

Assim, dengosa.

PERALDIANA —

Eu sou o bicho no macête
Eu sou mêrmo que um foguete. (Bis)

AVENIDAS — Sim, senhor. São dois tipos de revista. (Saem rindo)

PUXAVANTE — Tipos não senhoras, trate séro. Ora já se vio?

Cena III

Peraldiana, Puxavante e Elisiário

ELISIÁRIO — Não dê cavaco, coronel. Elas são mesmo assim, divertidas, principalmente a Mororó.

PERALDIANA — Cuma é o nome delas, seu Liziaro? Arripita.

ELISIÁRIO — Caio Prado, Carapinima, Mororó. Aqui no Passeio, em suas avenidas, há seleção absoluta. A Caio Prado, por exemplo, só é frequentada pela elite.

PUXAVANTE — Qui elita é essa, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Elite é o grande mundo social, é a fina flor da alta sociedade fortalezense. É lá que eu vou sempre. Mas continuemos: a avenida Carapinima é freqüentada pelo pessoal médio, sabe? O pessoal que empola, sem ver de que, e que luxa sem poder. E a Mororó é assediada pelo pequenome vadio, pelas criadinhas de estimação, — de umas em cheio e outras em vão, pela rapaziada brejeira e pelo pessoal das areias, a arraia miúda.

PUXAVANTE — Apois essa é comigo, seu Liziaro. É o meu povo. A arraia graúda qui fiquei cá na Cai Prado.

PERALDIANA — Apois eu cá simpatizei mais, muito mais foi cum a Cairaipinima. Só o nome, é um nomão que enche a boca: Cairaipinima.

PUXAVANTE — A mais animada é a Mororó, num é seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Quase sempre. Olhe, e muita gente boa anda por lá. As vezes um figurão está na Caio Prado com a família e quando vê a mulher descuidada, zaz, escapole, macio como um muçu, para a Mororó. E anda por lá, com o chapéu desabado sobre os olhos, bacorejando.

PUXAVANTE — Cuma seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Bacorejando. A Caio Prado é um paraíso, é um céu aberto para o pessoal do bom tom; e a Mororó muitas vezes é um purgatório.

PUXAVANTE — Apois é nessa danada, é nessa danada, qu'eu quero i purgá os meus pecados.

PERALDIANA — Deixe de infuleimação, cumpade. (Zé Povinho aparece)

ELISIÁRIO — Ah! Lá vem um freqüentador da Avenida Mororó.

Cena IV

Puxavante, Peraldiana, Elisiário e Zé Povinho

PERALDIANA — Que bichim é esse, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — É o Zé Povinho. Ouçam, ele vai cantar.

ZÉ POVINHO — (Canta)

Eis aqui o Zé Povinho
Do Ceará
Eu não trago pergaminho
No samburá.

Sou levadinho da breca,
Sou escovado;
Se avisto qualquer moleca
Fico babado...

Eis aqui o Zé Povinho
Deste nosso Ceará
No samburá
Eu não trago pergaminho.

Se, por acaso, a meu lado,
Vejo passar uma moleca,
Assim, safado,
Eu fico babado e pachola,
Pois sou gelado.

(Dança)

* CORO —

Eis aqui o Zé Povinho
Deste nosso Ceará.
Não há iaiá
Que o não queira chaleirar.
Eis aqui o Zé Povinho
Deste nosso Ceará
Não há iaiá
Não há iaiá
Que o não queira chaleirar. (Sai dançando)

Cena V

Elisiário, Puxavante e Peraldiana

PERALDIANA — Sim, sinhô. Esse Zé Povinho é um pivete medonho.

ELISIÁRIO — É. É um diabrete. Por isso é que lhe chamam — Ceará moleque. Olhe, Cel. vem à nossa terra uma companhia de Circo de Cavalinhos, acaba quebrando porque

entra mais gente de bochecha do que a dinheiro. E é o pessoal que mais reclama. Entram de barriga no chão, por baixo da empanada, e vão logo gritando: 8 e 1/2, 8 e 1/2, fora, fora, está pau, está pau, fora, fora. Se você por exemplo, manda pintar de novo a sua casa, a garotagem aproveita logo a parede para estudar trigonométricos e garatujas.

PUXAVANTE — Qui pessoázim bom!

ELISIÁRIO — O Ceará moleque é assim. Aqui mesmo no Passaio, a música toca no coreto...

PERALDIANA — Qui corête, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Ali naquela espécie de quiosque que há pouco lhes mostrei.

PUXAVANTE — Naquele garajão acolá, cumade...

PERALDIANA — Abom. Aquilo é corête?

ELISIÁRIO — Chama-se coreto e é ali que a música faz retreta.

PUXAVANTE — É cada nomão... qui faz inté vergonha a gente dizê.

ELISIÁRIO — Mas, como eu ia dizendo, a música pode tocar o mais bonito trecho de ópera, na Mororó ninguém se mexe; agora quando rompe um maxixe, ninguém fica sentado, sai tudo, assim, se penerando... parece que tudo ali é nervo... Está na massa do sangue; o Zé Povinho aqui é divertido, personifica a alegria. Olá! Lá vem mister Pichles. É um tipo interessante.

Cena VI

Os mesmos e Mister Pichles

MÍSTER PICHLES — (Para Puxavante) Oh! mái diar, como passa, vero el, anh?

PUXAVANTE — Num entendi nada.

MÍSTER PICHLES — (Para Peraldiana) Mái ládi mim ter honra apresentar seu reverendíssima pissôa minha comprimento. (Para Elisiário) Olá mái frendixi, saúdêxones.

PERALDIANA — Qui demonhe de latinóro é esse, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Inglês macarroni; marca bostock, sabe?

MÍSTER PICHLES — (Para Elisiário) Oh! mái frendixi ráo du i u du ispiquingles? Anh?

ELISIÁRIO — Nô sér. Ai nô ispiquingles quasi nada. Só pro gasto. Oh! raites

PUXAVANTE — Vosmicê é das estranjas? Num é?

MÍSTER PICHLES — Faz favor ouvir meu apresentêxone: (Canta)

Ispiquingles

Vero el

Mim é inglés

D'arrazel

Míster Pichles
Tom tarful
Oh! Iesse
Bentiful

Ai do speck
Ispiquingles
Of uisque
Black uait
Oh! raite!
Oh! raite!

Zi black uait
Black uait
Black uait
É do rai laif
Oh! rait!
Oh! rait! (Bis)

(Coro)

Min é inglês pimponete
Ispiquingles
A pi tu dête
Cumberlander

Gud naite
Chipichander
Oh! raite! Oh! raite!
Gud naite
Gud bai
Oh! raite.

PUXAVANTE — Teve bom, seu cutruco, o seu gude de nata, num intidi mais porém achei bom. Vosmicê é das estranja, num é?

PERALDIANA — É cumpade. Pelo bodejado tá se vendo.

MÍSTER PICHLES — Oh! Iess. Mim é estrangeiro em Ceará. Gud ivining. Chêque rand. (Despede-se dos três)

PUXAVANTE — Adeus, seu cutruco.

PERALDIANA — Inté logo, seu inguilez.

ELISIÁRIO — Passar bem. Gud bai.

MÍSTER PICHLES — San quiú. (Vai a sair e volta-se para Elisiário) Oh! mái diar, faz obiseque insiná onde fica Avenida Mororó. Anh?

ELISIÁRIO — Oh! mái diar vai pergunta a... diabo qui te carregue. Anh?

PUXAVANTE — Oh! seu Liziaro escangaiou o bife. Anh?

MÍSTER PICHLES — Oh! Senhor muito atrevida.

PUXAVANTE — Vá s'imbora homão.

PERALDIANA — É mió. Deixe de estrupiço aqui.

ELISIÁRIO — Você aqui é demais, seu bife-steck. Vá embora.
Ah! A! A!

MÍSTER PICHLES — Godeme! Godeme! Mim sabe joga box. (Sai furioso ameaçando)

Cena VII

Peraldiana, Puxavante, Elisiário e depois Casuzinha e Bilontras

PERALDIANA — Qui obrinha é aquela, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — É um americano falsificado. Aqui há muita gente com essa mania. Vão acabar no hospício, doidos varridos.

CASUZINHA — (Entrando) Eu vi as estauta.

PUXAVANTE — Ora façum idéa. Apois o Casuzinha num vêi atras de nós? Menino desgraçado cuma foi qui tu num se perdeu?

PERALDIANA — Qui minino atentado. Isto lá dá pra páde. Esse imbécil.

ELISIÁRIO — Deixe-me lançar o menino... na rapioca. Só assim a gente pode verificar se ele dá ou não p'ra coisa.

CASUZINHA — Eu vi as estautas...

PUXAVANTE — Qui estauta, animáo.

CASUZINHA — Bem ali.

ELISIÁRIO — Ah! São as estátuas do Passeio. E eu me esqueci de lhes mostrar. Mas tem tempo.

CASUZINHA — Lá vem uns home p'ra ca. (Aparecem os Bilontras)

ELISIÁRIO — (Para Puxavante) Ih! meu amigo. Isto é um pessoal perigoso.

PERALDIANA — Tão galantim, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — São bilontras, namoradores, sabe? Aquilo é um bloco de coiós. Coiós de profissão.

CASUZINHA — Eu tomém quero sê coió.

PUXAVANTE — Cala a boca menino. Coidado cum eles, cuma-de. Num s'incoste, num s'incoste.

PERALDIANA — Deixe, cumpade, deixe eu vê de perto esses menino. Ói, ói o inguilez.

PUXAVANTE — Cumade! Cumade! Nada de facelita cum perigão desse. (Bilontras aproximam-se da boca de cena e cantam)

Nós somos os bilontras
Desta nossa Capital.
Em todas as festinhas
Elemento essencial.

Encantadores
E preferidos;
Das madaminhas
Tão queridos.
Em seus amores
Sentimentais,
Conquistadores
Profissionais.
Elemento vital
De nossa Capital.

Vivemos nas Avenidas,
A procura das pequenas.
E nas nossas investidas,
Preferimos as morenas.

Nosso olhar as alvoroça,
Ficam doidinhas de amor.
Resistir não há quem possa
Ao nosso tipo,
Ao nosso tipo sedutor.

1.º BILONTRA — Vamos lá negrada! Ao avanço geral.

2.º BILONTRA — Vamos! Vamos aos combates de cupido.

3.º BILONTRA — Em coluna cerrada. Ordinário, marcha!

PUXAVANTE — Cumade s'incoste p'ra cá. Oi os coió.

PERALDIANA — Num tenha medo, cumpade. Eles num m'ingole não. (Bilontras saem)

ELISIÁRIO — Se eu não estivesse com vocês, entrava já naquele jogo. Tirava o atraso.

PERALDIANA — E aquilo rende, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Sempre rende alguma coisa.

CASUZINHA — Dá p'ro cigarro, num é seu Liziaro... Eu só queria antrá naquele buloco.

PUXAVANTE — Cala a boca descarado. Isto só diz o qui num presta.

ELISIÁRIO — Deixe o menino. Promete.

PERALDIANA — Isto lá dá pá pade, cumpade.

CASUZINHA — Eu já vou vê as estauta.
ELISIÁRIO — A! É verdade! Vamos ver as estátuas.
PERALDIANA — Vamo lá, seu Liziaro.
PUXAVANTE — Adonde é?
CASUZINHA — É bem ali...
PUXAVANTE — Apois vamo lá vê isso... (Saem)

Cena VIII

Malaquias e Margarida

MALAQUIAS —

Minha amada, perfumada, tão querida,
És o sol de minha vida.

MARGARIDA —

Só por ti meu peito anseia nesta hora;
Teu amor minh'alma implora.

MALAQUIAS —

Se te vejo, logo então, meu coração
Acelera a pulsação.

MARGARIDA —

Representas de meus dias a aurora,
É a ti que esta alma adora.

MALAQUIAS —

Tão mais mimosa flor, neste jardim,
Que teus lábios de carmim.

MARGARIDA —

É a luz desses teus olhos, peregrina,
Que me seduz e fascina.

MALAQUIAS —

Se distingo, ao longe, o teu perfil querido
Fico todo embevecido.

MARGARIDA —

Se te vejo, eu me sinto comovida,
És o sol de minha vida.
(Antes de findar o canto, entram Puxavante, Peraldiana,
Elisiário e Casuzinha)

PERALDIANA — (Entra primeiro) Ói esse chamêgo aí!

MALAQUIAS — (À parte) Ó! Diabo! É minha sogra. Onde eu
me soco!

PERALDIANA — Mais menino, parece o Malaquia!... E é ele
mermo! Cabrinha severgonha, ocê deixa a muié em casa
e anda namorando. Menina, esse diabo é casado.

MARGARIDA — Casado! Ah! pérfido. Enganou-me. Enganou-me o patife. Eu te esconjuro papel queimado. (Sai)

PUXAVANTE — Cumade, num quis aperciá o resto? Malaquia, tu p'ru cá?

MALAQUIAS — Sua benção, meu Padrinho.

PUXAVANTE — Deus te abençoe.

PERALDIANA — Eu chega tou aqui qui num posso nem falá. Apois eu num peguei esse badameco cum a boca na botija.

ELISIÁRIO — Como foi isso D. Peraldiana?

PERALDIANA — Namoriscando aqui, seu Liziaro, cum uma mo-cinha qui pensava qu'ele era sorteiro. Antão aquela é qui é a caseina, seu troixa?

PUXAVANTE — Namoriscando?... Apois é possive?

ELISIÁRIO — Arriscando um olho, hein? Ah! Ah! Ah!

CASUZINHA — Ôrra diabo!

MALAQUIAS — D. Peraldiana, a senhora naturalmente vio máo.

PERALDIANA — Qui vio máo o que! Quererá me imbruíá?

PUXAVANTE — Cuma foi isso Malaquia? Apois ocê tá se aca-naiando...

MALAQUIAS — Ora, uma conversa toda inocente.

PERALDIANA — Morda aqui, seu bebe-água. Isto é mais inocente que o Casuzinha.

CASUZINHA — Eu sou inocente, sim senhora.

PUXAVANTE — Tanto conseio qu'eu te dei Malaquia.

MALAQUIAS — Meu Padrinho, muito breve volto para o sertão.

PUXAVANTE — Faze bem rapaz. Int'aqui é medonho mermo. É um perigo. Tou doido pro mode vortar tomém. Tou vendo a hora qui me perdo...

ELISIÁRIO — É bem capaz. Ah! Ah! Ah!

PERALDIANA — E eu tou é inchando...

MALAQUIAS — Num inche não D. Peraldiana. E pelo amor de Deus, num diga nada a Flor, não. Eu vou pro Quartéo. Sua benção, meu Padrinho?

PUXAVANTE — Deus te abençoe e dê vergonha Malaquia. Vá dereitinho, vio?

ELISIÁRIO — Olhe rapaz, não passe na Mororó. Ah! Ah! Ah!

MALAQUIAS — De rancho, adeus, D. Peraldiana...

PERALDIANA — Apois ocê ainda tem coraje de vim falá cum eu, seu desgraçado. (Malaquias sai cabisbaixo) Coitadinha de minha fia, casada cum peste daquele.

PUXAVANTE — Num chore, cumade. Ele vorta o bom camin.

ELISIÁRIO — Foi só um escorrego...

CASUZINHA — Escorregá num é caí.

Cena IX

Os mesmos e dois pequenos namorados

ELE —

Minha filha, por favor,
Ouve o que vou te dizer,

ELA —

Não me persiga o senhor,
Pois eu tenho o que fazer.

ELE —

Só desejo te explicar
Como é grande o meu amor.

ELA —

Se, então, é pra casar,
Diga lá, é meu senhor.

ELE —

Tu podes crer que é pra casar
Que eu te quero namorar.

ELA —

Pois se assim é, dê-me seu braço,

AMBOS —

Que eu desfaleço de embaraço...
Nós vamos ser as criaturas mais ditosas,
Um par gentil, assim galante e folgasão.
E, certamente, quem nos vir assim garbosos
Vai ter inveja desta nossa afeição. (bis)
(Saem)

PERALDIANA — Que frangotes são aquele, seu Liziaro?

PUXAVANTE — São namorados?

ELISIÁRIO — Filhotes. Filhotes de namorados.

CASUZINHA — Eu também quero sê fiote.

PERALDIANA — Cala a boca, coisa besta.

Cena X

Os mesmos e Candoca

CANDOCA — (ENTRANDO) Como tem passado, seu moço, bonzinho? Seu coronel como vai? Minha senhora...

PUXAVANTE — Mais espere! Vosmicê me cunhece?

CANDOCA — Não senhor!

PUXAVANTE — E cuma adivinhou qu'eu sou coronéo?

CANDOCA — Pela pinta... Vê-se logo. Um senhor tão respeitável.

PUXAVANTE — Qui anda fazendo pru cá? É bestando?

CANDOCA — Não senhor. Passeando.

PERALDIANA — Todo o pessoal qui tem passado pru cá, tem dado o ar da sua graça. Vosmicê num canta?

ELISIÁRIO — Cante alguma coisa, meu bem.

CANDOCA — Não posso satisfazê-los. Estou com a voz tão fraquinha...

ELISIÁRIO — Coitadinho.

PUXAVANTE — Faz pena mermo.

CANDOCA — São bondades. Eu não mereço tanto. Dêem-me licença, vou adiante.

CASUZINHA — É bom.

CANDOCA — Seu moço, adeus. Seu coronel, às suas ordens. Adeus minha velha.

PERALDIANA — Véia, inhô não, disdobre a língua.

CANDOCA — Queira desculpar-me senhorita... Eu me equivoquei. Ando tão distraído... Até logo. Passar bem, meus senhores. (Sai)

PERALDIANA — Quem é esse freguezim de mão de jia seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Aquilo é um moço bonito. Simboliza o cúmulo da delicadeza.

PUXAVANTE — E qual é a avenida que ele aferquenta?

ELISIÁRIO — Sei lá. Aquilo é bem lá do 3.º plano (9)

CASUZINHA — Eu tomém quero i no 3.º prano.

PERALDIANA — Ist'é meninão besta.

Cena XI

Os mesmos e as freqüentadoras do Passeio

ELISIÁRIO — Ah! Lá vem um luzido grupo de freqüentadoras do Passeio

PUXAVANTE — Qui moçame bonito, seu Liziaro.

(Cantam)

Somos as freqüentadoras

Mais assíduas do Passeio.

Somos admiradoras

Deste encantador torneio.

É o centro da elegância,

Que esta Capital encerra;

É a deslumbradora estância

Predileta desta terra.

Vejam, meus senhores,

Que linda paisagem.

Tão cheia de odores,

Que nos traz a aragem.

(9) Estando a área do Passeio Público, a esse tempo, situada em uma pequena elevação que ligava a prala ao nível das ruas de Fortaleza, formavam-se aí três planos, unidos por escadas. Denominações: (1887) 1.º plano — Tito Rocha; 2.º plano — Rocha Lima; 3.º plano — Mártires.

É mesmo um encanto
De real beleza.
O mais gentil encanto
Desta Fortaleza.

Tudo quanto há de distinto
Em vosso meio social,
Vem gozar neste recinto
De beleza natural.

É o ponto preferido
Pela sua amenidade
É o passeio querido
Da nossa sociedade.

Não há outro igual
Tão original.
É o mais seleta
O mais ideal

Sempre o preferido
Sempre o predileto
Sempre o mais querido
Desta Capital.

(Fim do 1.º Quadro)

2.º QUADRO

(Vista de rua ou praça) (10)

Cena I

Puxavante, Elisiário, Peraldiana e Casuzinha

PERALDIANA — Mais seu Liziaro, num me dirá que féguras se-
vergonha foi aquelas qui nós vio no Passeio? Assim foi
bom cumpade as menina num tê vindo cum nós.

PUXAVANTE — Apois eu achei inté divertido.

PERALDIANA — Cala a boca, devássio.

ELISIÁRIO — Aquelas figuras, D. Peraldiana, são as estátuas
que embelezam o nosso Jardim Público.

PERALDIANA — Qui coisa iscandelosa.

CASUZINHA — Eu vi. Eu vi as estauta... Achei bonito!

PERALDIANA — Pro que num vestem uma saia naquela muié.

PUXAVANTE — E umas calça naquele homão.

(10) Praça do Ferreira, segundo a denominação dos Quadros. (Principal ponto de convergência de Fortaleza; desde 1871 assim denominada em homenagem ao Boticário Antônio Rodrigues Ferreira, presidente da Câmara Municipal na gestão 1843 - 1859).

- ELISIÁRIO — Ali não há nada que escandalize, D. Peraldiana. O que a senhora viu foi o nu artístico, foi a plástica, na sua exímia correção de formas.
- PERALDIANA — E aquela muié c'um braço torado... foi das guerra do Rebelo? (11)
- ELISIÁRIO — Não, D. Peraldiana.
- PERALDIANA — Mais porém qui nome têm aquelas fégura tão discarada, seu Liziaro? Num me dirá?
- ELISIÁRIO — Vou lhes dar, então, uma ligeira explicação, mas apenas sobre as duas principais: a primeira e a última que vimos. Começamos por Vênus e acabamos no Mercúrio...
- PUXAVANTE — Vênus e Mercúro?
- ELISIÁRIO — Sim, Vênus e Mercúrio.
- CASUZINHA — Melcuro? Melcuro, lá nos Inhamum, é cum qui a gente cura bicheira.
- PERALDIANA — Cala a boca idiota. Num atrapaia a ispilicação do home.
- ELISIÁRIO — Vênus é uma divindade da mitologia, é a Deusa do Amor, a Deusa Suprema da Perfeição e da Beleza, elevadas à quinta essência.
- PUXAVANTE — E quem foi o pai dela, seu Liziaro?
- ELISIÁRIO — Não se sabe.
- PERALDIANA — E a mãe?
- ELISIÁRIO — Pior um pouco. Nasceu das espumas do mar.
- PUXAVANTE — Qui coisa exquêsita! Só buso.
- ELISIÁRIO — Agora avaliem vocês, que aquela beleza foi casada com um ferreiro disforme, chamado Vulcano, feio como o diabo, um verdadeiro aborto da natureza.
- PUXAVANTE — Apois é possive. Qui sacrelege.
- PERALDIANA — E aquele homão apontando cum dedo? Cum umas asa na carapuça?
- ELISIÁRIO — É Mercúrio, filho de Júpiter. É outra divindade mitológica. É o Deus da eloquência e do Comércio. Eu nestes assuntos estou sozinho na zona... sou cuera.
- PUXAVANTE — Cuma, seu Liziaro?
- ELISIÁRIO — Cuera, dunga, turuna...
- PERALDIANA — E diga, home. É medonho mêmro; inté inlustrado. Num é pra gavá não.
- ELISIÁRIO — Lá isso sou. Mas Coronel Puxavante, qual das duas estátuas apreciou mais?
- CASUZINHA — Eu cá, foi a Vênus... É o bicho.

(11) Rebelião política contra o governo do Cel. Marcos Franco Rabelo, Presidente do Estado do Ceará, no período de 1912 a 1914.

PUXAVANTE — Home, pra mode le falá a veldade, comecei gostando da Vênus, mais porém acabei aperciando mió o Mercúro. Achei cum umas parença do Capitão Manduquinha, lá nos Inhamun.

ELISIÁRIO — O que, homem, com o Capitão Manduquinha? Ah! Ah! Ah! (Dulce aparece).

Cena II

Os mesmos e Dulce

PUXAVANTE — Que mocinha é aquela, seu Liziaro? Tão galantinha.

ELISIÁRIO — É uma criadinha, que vai fazer as compras no mercado.

PUXAVANTE — Cuma ela é jeitozinha, seu Liziaro!...

PERALDIANA — Deixe de isquentação, cumpade. Porte-se séro...

PUXAVANTE — Menina, ocê qué i mais eu pros Inhamun?

DULCE — Não senhor. Só me emprego em casa da Capital.

PUXAVANTE — Apois é pena. Cumade, ocê num qué ela não? Vale a pena.

CASUZINHA — É tão bonitinha...

PERALDIANA — Eu quero lá um perigão desses lá im casa. O bom do meu genro tem o ôio muito vivo.

ELISIÁRIO — Lá isso é verdade.

PUXAVANTE — O seu tempero é bom, menina? Você sabe fazê passoca, fejoada, picadim de carne cum ovo, frigideira de maxe?

DULCE — Sei fazer tudo, senhor. Ouça lá: (Canta)

Criada!... como eu não há neste Ceará
Dengosa!... e faceira assim não existirá
Sou a gentileza personificada,
E por todos eu sou requestada...
Requestada, requestada...
Certamente não há outra igual
Nesta Capital.

ELISIÁRIO —

Criada! com'esta não há neste Ceará,
Dengosa!... e faceira assim não existirá
É a gentileza personificada
E por todos el'é requestada
Requestada, requestada...
Certamente, não há outra igual
Nesta Capital.

DULCE —

Quitutes! com que perfeição eu sei preparar.
Cheirosos!... De a gente com gosto saborear.
E, a todos provoca admiração
O meu gênio sempre folgasão
Folgasão, folgasão.
Certamente, não há outra igual
Nesta Capital.

ELISIÁRIO

Quitutes!... com que perfeição sabe preparar
Cheirosos!... de a gente com gosto saborear
E a todos provoca admiração
O seu gênio sempre folgasão
Folgasão, folgasão
Certamente, não há outra igual
Nesta Capital!

DULCE — Adeus, senhores.

PUXAVANTE — Adeus, minha anja. Cuma é o teu nome?

DULCE — Dulce. Adeus (Sai)

CASUZINHA — Qui nome doce!

PERALDIANA — Mais seu Liziaro eu tou estropiadinha.

ELISIÁRIO — A senhora não quis tomar o bonde, nem um autómovel?

PERALDIANA — Qual bonis, nem atimol. Eu lá ando naquilo.
A derradeira vez no Ceará, na seca dos três 8, os bonis
era puxado po burro. Hoje parece umas coisa doida.

PUXAVANTE — É pro que naturalmente já tão seleiro. É só o
bolineiro sortá a brida e eles vão que vão danado.

CASUZINHA — Eu vi os bonis...

PUXAVANTE — Ist'é menino intrometido.

Cena III

Os mesmos e Maxixe

MAXIXE — (Entra e canta)

Todo assim, perequeté,
Sou caboclinho faceiro
Oleré
Outro assim, tão maxixeiro
Não é
Todo assim, perequeté,
Sou caboclinho faceiro
Oleré
Sou caboclo maxixeiro

Ai! Eu nasci fadado
Prá vadiar.
Ai! Sou endiabrado
A requebrar...

Quando eu caio no samba
Não há nenhuma mucamba
Que não queira me enlaçar.

Ai! amor do coração
Todo assim, perequeté
Oleré
Caio na vadiação
Do banzé

Ai! amor do coração
Todo assim perequeté
Oleré
Caio na vadiação... (Sai)

PERALDIANA — Ai vai! Seu Liziaro qui carrapeta doida é aquela?

ELISIÁRIO — É o maxixe. O maxixe miudinho. Há duas espécies de Maxixe...

PUXAVANTE — Eu sei qual'é a diferença. É o maxixe qui a gente aplanta e o maxixe brabo qui nasce no mato, sem ninguém plantá.

ELISIÁRIO — Qual coronel. Ah! Ah! Ah! As duas raças conhecidas são: o maxixe aristocrata, elegante, que costuma frequentar os salões de alto bordo, e o maxixe canalhocrata, penerado, que é sempre visto nos forrós de baixo bordo, das areias.

PUXAVANTE — Esse canaiocata das arelhas deve sê bonzão, hein, seu Liziaro?

CASUZINHA — Ambom!

PERALDIANA — Cumpade, vosmicê, tenha mão no fogaréo...

Cena IV

Os mesmos e Candoca

CASUZINHA — Lá vem o mocim qui nós vio no Passei.

ELISIÁRIO — Ah! É o Candoquina.

CANDOCA — Como têm passado, meus senhores. Vão bonzinhos?

PERALDIANA — Nós vai indo seu moço.

CANDOCA — Mas que quêlôr, hein? Chega escalda a gente. Credo!

PUXAVANTE — Qui sujeitim quêlorento!...

CANDOCA — Os senhores naturalmente, andam visitando a cidade. Já foram à ponte metálica? É agradável. Vamos até lá. Posso fazer-lhes companhia nessa digressão.

PERALDIANA — Inhor não. Vá só seu mocim. Nós cá, num andacum todo mundo não. Só cum quem nós já cunhece.

CANDOCA — Mas eu não sou todo mundo. Inté nisto. Eu sou o Candoca, o Candoquinha. Um passeio na ponte com este quêlôr é tão aprazível!

ELISIÁRIO — Nós não temos tempo pra isto não, coração.

CANDOCA — Ou então, um passeiosinho a bond. Sim?

PUXAVANTE — A cumade tem medo desses bonis eletro qui si pela.

PERALDIANA — A derradeira vez qu'eu vim o Ceará, andei a bonis, mais porém era puxado pro burro. No tempo do seu Solão.

ELISIÁRIO — Ela prefere a tração animal.

CANDOCA — Pois, minha senhora, a tração animal é uma coisa abolida hoje em dia. A tração elétrica é que domina o mundo. Eu cá, sou partidário da eletricidade em todas as suas manifestações.

PUXAVANTE — Tá paricendo mêmro um fie eléte.

ELISIÁRIO — Os namorados são da opinião de D. Peraldiana.

PERALDIANA — Assim, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Sim, senhora. O bonde elétrico passa muito veloz não dá tempo nem a uma troca de olhares mais expressivo.

CANDOCA — Nesse ponto o senhor tem razão. Porque às vezes sucedia o bonde dá o prego mesmo em frente da casa da namorada. Era bom! Tinha tempo até de conversar por sinais.

PERALDIANA — Dá o prego?

ELISIÁRIO — Sim. Parava ou porque os burros cansavam, ou por qualquer outra causa. Hoje não se dá isto. A eletricidade não proteje os namorados, salvo... quando falta corrente ou queima o fusil (12)

CANDOCA — A conversa está boa, mas eu vou adiante. Não querem ir dar um bordo...

CASUZINHA — Eu bem qui quero...

PUXAVANTE — Cala a boca, animão.

CANDOCA — Pois adeus. Sempre às suas ordens. (Saem).

TODOS — Obrigado.

PERALDIANA — Mais qui vozinha, hein?

CASUZINHA — É vê uma frauta.

ELISIÁRIO — É uma voz abemolada e sustenizada.

PUXAVANTE — Cuma, seu Liziaro?

ELISIÁRIO — Com bemóes e sustenidos, colcheias e semicolcheias, fusas e semifusas.

PUXAVANTE — Fiquei no mêmro.

PERALDIANA — E eu confusa.

ELISIÁRIO — Quero dizer que é uma voz que tem todas as modulações da escala musical.

PERALDIANA — Abom!

(12) Fusível.

Cena V

Os mesmos e Cambistas (Cantam)

Não quer um bilheteinho?
Uma centena
E um bichinho?

Numa vidoca airada de encantos plena.
Andamos na cidade atrás dos patos;
A eles grudados como carrapatos,
A eles grudados como carrapatos.

Nós somos cambistas
De loteria e bicho,
Trazemos aqui as nossas listas,
Burlamos o povo por capricho.

Temos coito franco
Grupo a vinte e dois

Não há bilhete branco.
E se não for assim,
O freguês vê depois...

Assim tafúes e brejelros,
Outros não há no Brasil.
Nós somos cabras matreiros.
Ninguém nos pode vencer
No arдил
Somos os primeiros
Deste vasto Brasil.

Ninguém nos pode vencer
No arдил
Somos os primeiros
Deste vasto Brasil

Nós somos cambistas
De loteria e bicho.
Trazemos aqui as nossas listas
Burlamos o povo por capricho.

Temos coito franco
Grupo a vinte e dois
Não há bilhete branco
E, se não for assim,
O freguês vê depois...

1.º CAMBISTA — (Para Puxavante) Compre um bilhete. 20 contos. Corre hoje.

PUXAVANTE — Inhô não. Eu num jogo lotaria.

2.º CAMBISTA — (Para Peraldiana) Compre uma centena. Pago a 800\$000 (13) Banco garantido.

3.º CAMBISTA — A senhora não joga bicho? Grupo a 22.

PERALDIANA — Inhô não. Eu num sou disso, não.

ELISIÁRIO — Não amolem. Vão adiante.

1.º CAMBISTA — Não seja bruto. Ninguém está falando com você, não.

2.º CAMBISTA — Quando ele vendia bicho não era tão soberbo.

3.º CAMBISTA — Agora anda explorando esta parelha de velhotes asmáticos. (Para Puxavante) Larga o osso, cachorro.

ELISIÁRIO — Não insulte o homem, senão quebro-lhe a cara.

1.º CAMBISTA — Você quebra a cara de ninguém, seu barriga de soro azedo. (Para Puxavante) Larga o osso, cachorro.

PUXAVANTE — Seu Liziaro, ramo dá u'a sapeca nessa canaia.

PERALDIANA — Eu tomém entro na dança. Vocês cum nós num tira leite cum escuma, não!...

1.º CAMBISTA — Até você, minha velha, quer se meter também em chibata?

(Forma-se o rolo e Puxavante saca a faca. Aparece a polícia e os cambistas fogem. O guarda toma a faca de Puxavante)

GUARDA CIVIL — (Para Puxavante e Peraldiana) Em nome da lei estão presos.

PUXAVANTE — Mais nós num fez nada, não. Me largue. Num faça isso cum nós não.

PERALDIANA — Seu Liziaro acuda nós.

ELISIÁRIO — (De longe) Eu não tenho nada com isso não. Olhe seu guarda, quando eu cheguei, já encontrei o rolo formado.

PERALDIANA — Não seja miserave. Você mete nós no C.D.B. (14) e põe os quarto de fora.

GUARDA CIVIL — Vamos. Sigam para o posto.

PUXAVANTE — Mais seu tenente. Oi, nós é inté colega. Eu sou coronel da Guarda, num sois nada.

GUARDA CIVIL — Deixe ver a patente.

(13) Oitocentos mil réis.

(14) Corresponde a cu-de-boi: situação embaraçosa, confusão, etc.

PUXAVANTE — Ficou lá nos Inhamuns.

GUARDA CIVIL — Pois então, deixem de conversa comprida e sigam.

PUXAVANTE — Mas, seu majó, nós tem razão. Escute cuma foi. Eu tava aqui c'a cumade Peraldiana e aqueles canaia começaram a gritá: Laiga o osso! Laiga o osso! Eu num sou cachorro.

PERALDIANA — Neu eu sou osso.

GUARDA CIVIL — Não quero ouvir mais conversa, sigam.

PERALDIANA — Ai! Num amolegue o meu braço. Eu num posso sê presa, qui eu sou professora aposentada.

ELISIÁRIO — Morreste Peraldiana!

Fim do 2.º Ato